SJ001: Taipi, um passeio pela vida polinésia

* **Título:** *Taipi, um passeio pela vida polinésia*
* **Autor:** Herman Melville
* **Linha fina:** Livro de estreia de Melville, um dos mais emblemáticos autores da literatura de aventura, é um relato ficcional baseado em sua experiência nas Ilhas Marquesas, como marinheiro do navio baleeiro Acushnet
* **Coleção:** Hedra Edições
* **Nacionalidade:** Estadunidense
* **Título original:** *Typee: a peep at a polynesian life*
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à tradução de Bruno Gambarotto
* **Categoria:** Literatura
  + **BISAC:** LIT013000: Literatura/Aventura; LIT004190: Literatura Clássica/Americana/Século XIX; FIC027230: Ficção/Romance/Multicultural e Inter-racial
  + **Thema:** [FB] Ficção: geral e/ou literária; [FC] Ficção biográfica/ficção autobiográfica; [FJ] Ficção de aventura/de ação
* **Escola:** Romance
* **Assunto:** Etnografia; Antropologia; Ilhas Marquesas; Colonialismo; Aventura
* **Edição:** Suzana Salama
* **Tradução e introdução:** Bruno Gambarotto
* **Editor assistente:** Paulo Henrique Pompermaier
* **Revisão e assistência editorial:** Julia Murachovsky
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** 372
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-850-8
* **Data de entrega de arquivos:** 22 de fevereiro de 2024
* **Sobre o livro:** *Taipi, um passeio pela vida polinésia* (1846) é o livro de estreia de Herman Melville. Conquistou um grande público e consolidou a fama de seu autor como um dos mais célebres escritores norte-americanos. Apesar de servir-se da experiência de Melville nas Ilhas Marquesas, enquanto trabalhava como marinheiro do navio Acushnet, não se trata de um relato puramente autobiográfico. A partir da adaptação ficcional de uma vivência pessoal, Melville escreveu um romance que acompanha Toby e seu companheiro de bordo durante uma jornada arriscada ao desertarem o baleeiro cuja tripulação eles integravam, e a estadia involuntária dos dois personagens junto aos mal-afamados taipis, supostamente guerreiros canibais impiedosos. Para Bruno Gambarotto, autor da apresentação presente nesta edição, o relato contém, "em estado seminal, ideias fundamentais ao desenvolvimento posterior da obra de Melville", além de aplicar procedimentos frequentes em suas produções literárias, como "o empenho crítico e político diante das situações observadas". Nesse sentido, Taipi articula uma "denúncia da catástrofe que se abatia sobre as populações polinésias a partir da ação de europeus e norte-americanos", demonstrando empatia em relação aos nativos de Nuku Hiva, ao mesmo tempo que reconhecendo as diferenças culturais inconciliáveis entre os marinheiros desertores e a população local.
* **Sobre o autor:** Herman Melville (Nova Iorque, 1819–1891), escritor, poeta e ensaísta norte-americano, é autor de um dos livros mais emblemáticos de literatura de aventura, o célebre *Moby Dick* (1851), considerado um dos romances mais importantes da literatura ocidental. A escrita de Melville baseia-se sobretudo em suas vivências de marinheiro, as quais lhe proporcionaram um distanciamento que certamente contribuiu para a minuciosa análise que realiza das contradições da sociedade norte-americana. A partir da década de 1850, Melville dedicou-se à escrita de contos para revistas, mais tarde reunidos em uma coletânea intitulada *The Piazza Tales* (1856). O escritor também aventurou-se no domínio da poesia. As suas produções poéticas, assim como seus escritos em prosa, serviram-se das expedições marítimas que tomou parte – como é o caso do poema épico "Clarel: A Poem and Pilgrimage in the Holy Land" (1876), inspirado em sua vivência no Egito e na Palestina —, sem, contudo, deixar de contemplar as mazelas da sociedade norte-americana — o que se verifica, por exemplo, no poema "Battle-Pieces and Aspects of the War" (1866), uma reflexão sobre as questões morais da Guerra Civil Americana. Nos últimos anos de vida, procurou regressar à prosa e trabalhou em um manuscrito a que deu o título de *Billy Budd, Sailor*, cuja conclusão foi interrompida pela morte do autor, em 1891, mas que ainda assim foi publicado em 1924 e mais tarde adaptado para os formatos de peça de teatro e ópera inglesa. Sua morte, bem como o centenário de seu nascimento, comemorado em 1919, foram de extrema importância para renovar o interesse pela figura de Melville e reavivar os estudos acadêmicos voltados para sua obra, a qual tinha finalmente ascendido à categoria dos clássicos.
* Trechos do livro:
  + **Capítulo da apresentação:**
    - O Acushnet toca o porto de Nuku Hiva a 23 de junho de 1842, uma quinta-feira; a 9 de julho, dois dias antes de levantar âncora, Pease declara Herman Melville e um segundo tripulante, Richard Tobias Greene, desertores [...] Dos destinos de Melville e Greene em sua permanência nas Marquesas – com seu período de cativeiro entre os taipi, habitantes do vale de mesmo nome — resta-nos [...] seu relato publicado em fevereiro (Inglaterra) e março (Estados Unidos) de 1846.
    - No que toca às condições de sua permanência entre os taipi, o cuidado com as sensibilidades morais pouco afeitas a imaginar a quase assimilação de um igual a uma comunidade licenciosa fará com que o escritor lance mão de um arsenal de artifícios literários que, se por um lado dão sabor erótico à narrativa, por outro acabam por ferir as exigências de veracidade do gênero. John Murray, o editor britânico de Taipi, aceitará o que julgava ser uma obra de etnografia sob a ressalva (bastante sensual, inclusive) de nela sentir “o perfume da coisa proibida – a mancha da ficção”.
    - Entre mentidos e desmentidos, incômodas verdades e deliciosas invenções, fato é que a recepção de Taipi garantirá a Melville um ofício, editores interessados e um lugar público a um jovem de grandes ambições e, até então, poucas perspectivas. O livro que nasce da insistência de familiares para que se conservassem as histórias que entretinham suas rodas de conversa será o maior sucesso comercial da carreira do escritor, a superar até mesmo seus mais de trinta anos de reclusão desgostosa do mundo literário, durante os quais ganhou a vida com um modesto trabalho de inspetor alfandegário no porto de Nova York. A despeito das obras publicadas em ritmo frenético pelos 12 anos seguintes, dentre as quais Moby Dick (1851), um dos grandes clássicos da literatura norte-americana e mundial, Herman Melville seria lembrado até o fim da vida como “o autor de Taipi”.
    - [Melville] apresenta-se como protagonista de uma situação curiosa a ser compartilhada com a comunidade a qual pertence: a de observador acidental de uma sociedade cujo modo de vida parece remontar a um tempo adâmico e instalada em um espaço que, virtualmente intocado (a missão francesa que tomava posse das Ilhas Marquesas à chegada do protagonista a bordo do navio baleeiro Dolly não havia sido capaz de invadir o vale dos taipis), sugeria proximidade com a Criação.
    - A ideia da fronteira é fundamental para a ambiguidade constitutiva do protagonista, que a um só tempo infunde na imagem dos taipi uma confirmação da boa realização de seus próprios paradigmas de virtude para deparar-se, por fim, com uma diferença irreconciliável. É no limiar de si e do outro, da civilização encarnada pelo protagonista e da natureza incorrupta dos ilhéus e de seu espaço — para parafrasear o antigo historiador da fronteira Frederick Jackson Turner —, que o fenômeno da fronteira se materializa.
  + **Capítulo do texto:**
    - Seis meses no mar! É isso mesmo, leitor, juro: seis meses sem sinal de terra à vista, em travessia à caça do cachalote sob o sol escaldante do Equador e agitados pelas largas ondas do imenso Pacífico — o céu acima, o mar ao redor, e nada mais!
    - Nosso navio não se encontrava havia muitos dias no porto de Nuku Hiva quando formei a convicção de que devia abandoná-lo. Que minhas razões para tal passo fossem numerosas e de monta, infere-se do fato de que preferi arriscar minha sorte entre os selvagens da ilha a suportar outra viagem a bordo do Dolly. Para usar a expressão concisa, curta e grossa dos marinheiros: eu havia decidido “dar no pé”.
    - Esses mesmos taipis gozam de uma prodigiosa notoriedade em todas as ilhas. Não raro, os nativos de Nuku Hiva contavam em pantomima à companhia de nosso navio as terríveis façanhas dessa tribo e exibiam as cicatrizes dos ferimentos recebidos em violentos confrontos com ela.
    - — Ali, ali estão os Taipi. Ah, esses malditos canibais, que refeição eles fariam de nós se tivéssemos enfiado na cabeça a ideia de desembarcar! Mas dizem que não gostam de carne de marinheiro, é muito salgada. Ei, parceiro, por acaso você não quer ficar ali na praia?
    - Não me passava pela cabeça, enquanto sentia o calafrio que a pergunta me dava, que no espaço de algumas semanas eu seria feito cativo naquele mesmo vale.
    - Quantas vezes o termo "selvagens" é incorretamente aplicado! Nenhum deles de fato merecedor da alcunha já foi descoberto por exploradores ou viajantes. Descobriram, antes, pagãos e bárbaros que, por crueldades horríveis, enfureceram a ponto de os transformar em selvagens. Pode-se afirmar, sem medo de contradições, que, em todos os casos de ultrajes cometidos por polinésios, os europeus foram, em um ou outro momento, os agressores, e que a disposição cruel e sanguinária de alguns dos ilhéus se atribui, sobretudo, à influência de tais exemplos.
    - Taipi ou Happar? Uma morte terrível nas mãos dos mais ferozes dos canibais, ou uma agradável recepção de uma raça de selvagens mais gentis? Qual? Já era tarde demais para discutir uma pergunta que logo seria respondida.
    - Estremecia ao constatar que não havia mais espaço para dúvidas; e que, para além de toda esperança de fuga, estávamos então metidos naquela situação cujo mais simples pensamento fazia-me poucos dias antes encolher de horror. Qual não poderia ser o nosso destino terrível? Sim, ainda não tínhamos sido tratados com violência — aliás, tínhamos sido recebidos, antes, com gentileza e hospitalidade. Mas como confiar na inconstância das paixões que oscilam no peito de um selvagem? São proverbiais sua instabilidade e deslealdade. Não seria o caso que, sob as belas aparências, os ilhéus encobriam algum pérfido projeto, e que a recepção amistosa que nos dedicaram só podia preceder alguma horrível catástrofe?
* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)

**Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)